

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL FOMENTOS ÀS FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - 2005





Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas e organizações, governamentais e não-governamentais que de alguma maneira se dedicaram na construção das feiras estaduais de economia solidária em 2005.

Gente simples com idéias brilhantes e propostas mais ainda, de continuar a alimentar o sonho de um mundo mais justo e uma economia mais humana.

Gente de dezoito estados brasileiros, de todas as raças, do campo e da cidade.

Gente que se emocionou ao ver a feira acontecendo.

Gente que perdeu noites de sono.

Gente que enfrentou as chuvas, o sol forte e/ou as estradas para levar os seus produtos e serviços para a exposição e comercialização.

Gente que se dedicou a montar propostas de metodologia para as mais diferentes formações, oficinas, seminários, plenárias, ensinando que as feiras de economia solidária são muito mais que a comercialização direta, mas sim um processo de ensino-aprendizagem constante.

Gente que criou diferentes estratégias para coletar as informações que alimentaram os dados que temos aqui agora.

Gente voluntária que foi de stand em stand, barraca em barraca fazendo as mesmas perguntas, com paciência e muito respeito e no final nos permite vislumbrar um pouco deste universo que são as feiras de economia solidária.

Enfim, a cada pessoa que participa dessa construção e vai mostrando no seu dia-a-dia, que um outro mundo e outra economia também é possível.

Nosso muito obrigad@!!!

Shirlei A. A Silva
Instituto Marista de Solidariedade





SUMÁRIO

Apresentação – Programa de Avaliação de Feiras de Economia Solidária - PAFES

1. Introdução

2. O perfil dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) participantes do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária

- 2.1. A definição de EES no SIES
- 2.2. Distribuição regional
- 2.3. Forma de organização e idade
- 2.4. Número de trabalhadores (as)
- 2.5. Atividades econômicas
- 2.6. Participação em redes
- 2.7. Apoio aos EES
- 2.8. Questões de gênero

3. Avaliação das Feiras

- 3.1. Localização do município
- 3.2. Local de realização da Feira
- 3.3. Divulgação do evento
- 3.4. Período de realização das Feiras
- 3.5. Público visitante e disposição para comprar
- 3.6. Rodada de Negócios e oportunidades
- 3.7. Aspectos diferenciais das Feiras de Economia Solidária
- 3.8. Aspectos positivos
- 3.9. Desafios

4. Considerações finais

Apresentação

O Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, nos últimos quatro anos, vem implementando políticas de apoio à auto-organização dos trabalhadores, potencializando as experiências da sociedade civil que se desenvolvem a algumas décadas no país.

Em 2003, a SENAES recebeu diversas demandas de apoio à Economia Solidária (ES), que não se diferenciaram daquelas verificadas em diversas experiências de políticas públicas já realizadas como, por exemplo, recursos para investimentos (reformas, construções e compra de equipamentos), para o desenvolvimento de atividades de formação (nas áreas de gestão, contabilidade, marketing e Economia Solidária), para a estruturação de instrumentos de comercialização (feiras e centros de comercialização) e para capital de giro, o que obviamente apontava para a necessidade de linhas de crédito mais adequadas.

A política de fomento à Economia Solidária estruturada pela SENAES objetiva responder a estes problemas, que vão desde a estruturação do empreendimento até a sua consolidação econômica e conscientização política, sendo esta materializada pelo compromisso dos trabalhadores (as) com a construção de uma sociedade justa, sustentável e solidária.


No período a que se refere este relatório, várias foram as conquistas frente ao Estado: ações de apoio à recuperação de empresas pelos trabalhadores em regime de autogestão; estruturação de redes e cadeias de empreendimentos econômicos solidários; construção de centros públicos de Economia Solidária; surgimento de cooperativas de catadores; implementação de um sistema nacional de comércio ético e solidário; organização das Feiras de Economia Solidária; e apoio a projetos de fortalecimento direto dos empreendimentos.

Estas ações têm como foco a organização de trabalhadores (as) e o fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários - EES, compreendendo que estas duas dimensões precisam ser trabalhadas concomitantemente. Um empreendimento necessita ter na sua composição trabalhadores (as) qualificados e conscientes da sua opção pelo trabalho coletivo, por isso o fortalecimento do empreendimento passa pela atenção plena do mesmo aos seus trabalhadores (as) e pela garantia da participação democrática de todos (as) nos espaços de decisão. Ao mesmo tempo a organização da produção e da gestão do empreendimento é fundamental para que ele possa se afirmar economicamente, garantindo a permanência e o crescimento.

O Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária, resultado de uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES, a SENAES/MTE e o Instituto Marista de Solidariedade – IMS, surgiu com este mesmo espírito, o de fortalecer e ampliar os espaços de comercialização e troca de experiências entre os trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária, como forma de enriquecer o conhecimento de todos (as) sobre a organização coletiva, ampliar as possibilidades de comercialização de produtos, e estabelecer a troca de conhecimento sobre técnicas de produção, gestão, comercialização e várias outras que são utilizadas pelos empreendimentos.

É importante registrar que a análise das experiências das Feiras de Economia Solidária realizadas até o momento da elaboração do Programa foi de fundamental importância para o grupo que discutiu e definiu as estratégias e metodologias a serem utilizadas. A construção de um calendário nacional para as Feiras estaduais, a elaboração de uma identidade visual comum aos eventos, a incorporação de atividades formativas e culturais em maior escala, entre outras questões, precisaram ser enfrentadas para que fosse possível fortalecer as Feiras e transformá-las em espaços de referência para a comercialização, troca de experiências e conhecimentos entre os diversos (as) produtores (as) da Economia Solidária.





Nesse sentido, um elemento também importante foi a busca de informações a respeito dos resultados das Feiras e da satisfação dos (as) produtores (as) que delas participaram. Isso porque as informações existentes até o momento eram, em geral, muito precárias e imprecisas, o que dificultava a identificação dos pontos que precisavam, de fato, ser aprimorados. Para que essas informações fossem levantadas, tinha-se clareza de que seria preciso desenvolver um instrumento para avaliar o impacto desta prática nos campos econômico, político e organizativo.

No ano de 2004, foi realizado um projeto piloto, no estado de Minas Gerais, durante a realização da “2º Feira Mineira de Economia Solidária”, com o objetivo de levantar informações a respeito da organização e funcionamento da Feira. A experiência deu origem ao Programa de Avaliação de Feiras de Economia Solidária – PAFES, que foi incorporado pelo Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária como uma ferramenta de diagnóstico dos eventos a serem apoiados.

Já em 2005, o PAFES foi utilizando para a avaliação das Feiras estaduais realizadas contando, para a sua aplicação, com o apoio de um grupo de articuladores contratados pelo Programa Nacional de Fomento às Feiras que formavam as equipes coordenadoras dos eventos, e com parceiros locais como as Delegacias Regionais de Trabalhos - DRT's, universidades, entre outros.

Este relatório de avaliação do Programa de Feiras apresenta um conjunto de informações que ajudaram todos (as) a refletirem sobre a relevância dos eventos enquanto mecanismo de fortalecimento da Economia Solidária. Ele também aponta, a partir de análises quantitativas e qualitativas, os desafios a serem superados para que as Feiras se consolidem como espaço de troca e integração entre os trabalhadores e trabalhadoras da autogestão.

Esperamos que todos e todas possam aproveitar da riqueza de dados e experiências contidas no material apresentado a seguir e que façam uso dos mesmos sempre em benefício da Economia Solidária.

Dione Soares Manetti
Diretor de Fomento à Economia Solidária
Secretaria Nacional de Economia Solidária
Ministério do Trabalho e Emprego

Antônio Haroldo Mendonça
Coordenador Geral de Comércio Justo e Crédito
Departamento de Fomento à Economia Solidária
Secretaria Nacional de Economia Solidária
Ministério do Trabalho e Emprego

1 O Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária se estruturou com a contratação de uma pessoa em cada um dos estados onde foram realizadas feiras, que ficou responsável por articular o diálogo da coordenação estadual da Feira com o IMS e a SENAES. Essas pessoas foram chamadas de interlocutores (as) estaduais.

1. Introdução

Ao longo de 2005, foram realizadas 18 Feiras Estaduais de Economia Solidária (ES), superando a meta inicial que previa a realização de 16 eventos. Enquanto estratégia de funcionamento do Programa, foi criada uma equipe de interlocutores (as) estaduais que, além de outras atribuições, ficou responsável pela aplicação, nos estados, da ferramenta desenvolvida pela coordenação Nacional do Programa para a coleta de dados intitulada PAFES (Programa de Avaliação das Feiras de Economia Solidária), composta por dois questionários amplos e abrangentes. O primeiro objetivava avaliar o evento a partir da percepção dos (as) trabalhadores (as) que estavam expondo na Feira, e o segundo buscava identificar as características econômicas e sociais destes empreendimentos. Os dados aqui apresentados fazem parte de um conjunto de 950 questionários aplicados durante os eventos realizados no ano de 2005.

Além das informações contidas nesta base de dados formada pelas questões objetivas dos questionários, também foi considerado o conjunto de informações obtidas ao longo da Oficina de Avaliação do Programa Nacional de Fomento às Feiras da Economia Solidária. A oficina foi realizada em Brasília, entre 21 e 24 de março de 2006, e contou com a participação dos coordenadores e dos 18 articuladores das Feiras nos estados. Nesta oficina os (as) articuladores (as) estaduais apresentaram a avaliação dos resultados obtidos em cada estado. Esta etapa foi fundamental para a compreensão das condições em que os dados foram obtidos em cada Feira o que, conseqüentemente, propicia um melhor entendimento a respeito do que foi observado quantitativamente.

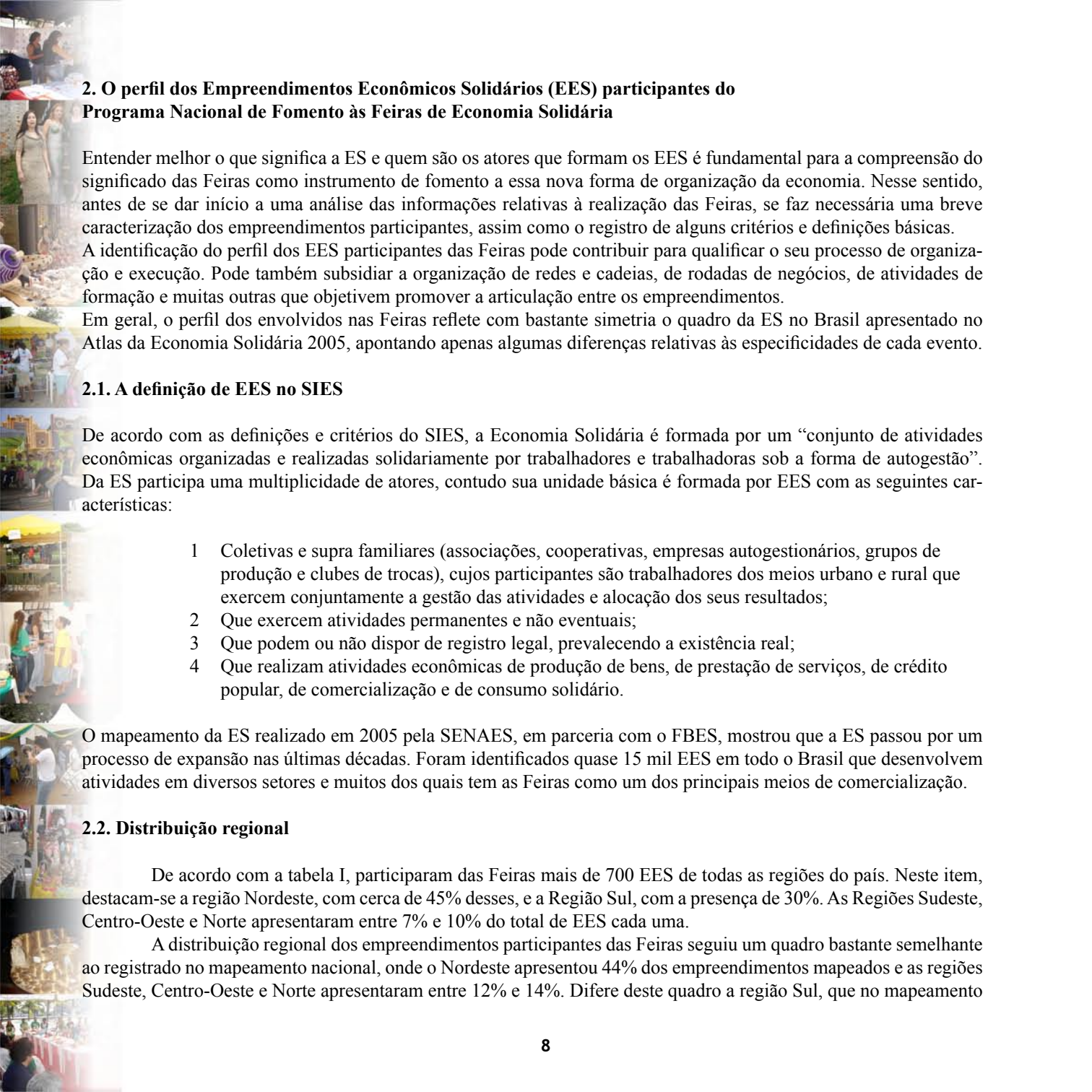
No que diz respeito à análise dos dados levantados, este relatório foi dividido em duas partes: na primeira, é apresentado, junto às definições básicas da ES, um breve perfil dos Empreendimentos Econômicos Solidários presentes nas Feiras, bem como um olhar comparativo entre o perfil desses empreendimentos com o daqueles identificados pelo Mapeamento da ES, que hoje estão cadastrados no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária – SIES; na segunda, são compartilhados os resultados da avaliação das Feiras em relação à localização, divulgação, possibilidades de comercialização e público.

Nas considerações finais, procurou-se retomar os aspectos positivos e os desafios a serem enfrentados tanto no que já foi possível avaliar nesta etapa do PAFES como nas possibilidades de melhoria deste instrumento.

Para finalizar, é importante destacar que, apesar da diversidade de condições (técnicas e humanas) e das dificuldades que envolveram a aplicação do PAFES em cada Feira, é possível afirmar que os dados disponíveis possibilitaram a realização de uma análise consistente e relevante em relação à realidade.

2A metodologia utilizada para coleta de dados foi de auto-declaração, sendo o questionário entregue ao expositor (a) no primeiro dia da Feira e recolhido no último. A opção pela auto-declaração resultou no preenchimento errado de algumas questões ou mesmo no não preenchimento de outras, pois, ao que parece, o seu conteúdo não foi corretamente compreendido por todos (a). Desse modo, após o tratamento das informações, foram considerados válidos 70% dos dados coletados, o que conseqüentemente resultou em algumas diferenças nos percentuais gerais entre as frequências das questões. Contudo, isso não comprometeu a pesquisa como um todo. Outras informações que estavam previstas no PAFES referentes ao perfil das entidades de apoio, assessoria e fomento não foram analisadas devido ao reduzido número de questionários que retornaram.



A collage of images showing various scenes from a fair, including people walking, stalls, and food displays, serving as a background for the text.

2. O perfil dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) participantes do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária

Entender melhor o que significa a ES e quem são os atores que formam os EES é fundamental para a compreensão do significado das Feiras como instrumento de fomento a essa nova forma de organização da economia. Nesse sentido, antes de se dar início a uma análise das informações relativas à realização das Feiras, se faz necessária uma breve caracterização dos empreendimentos participantes, assim como o registro de alguns critérios e definições básicas.

A identificação do perfil dos EES participantes das Feiras pode contribuir para qualificar o seu processo de organização e execução. Pode também subsidiar a organização de redes e cadeias, de rodadas de negócios, de atividades de formação e muitas outras que objetivem promover a articulação entre os empreendimentos.

Em geral, o perfil dos envolvidos nas Feiras reflete com bastante simetria o quadro da ES no Brasil apresentado no Atlas da Economia Solidária 2005, apontando apenas algumas diferenças relativas às especificidades de cada evento.

2.1. A definição de EES no SIES

De acordo com as definições e critérios do SIES, a Economia Solidária é formada por um “conjunto de atividades econômicas organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma de autogestão”. Da ES participa uma multiplicidade de atores, contudo sua unidade básica é formada por EES com as seguintes características:

- 1 Coletivas e supra familiares (associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção e clubes de trocas), cujos participantes são trabalhadores dos meios urbano e rural que exercem conjuntamente a gestão das atividades e alocação dos seus resultados;
- 2 Que exercem atividades permanentes e não eventuais;
- 3 Que podem ou não dispor de registro legal, prevalecendo a existência real;
- 4 Que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de crédito popular, de comercialização e de consumo solidário.

O mapeamento da ES realizado em 2005 pela SENAES, em parceria com o FBES, mostrou que a ES passou por um processo de expansão nas últimas décadas. Foram identificados quase 15 mil EES em todo o Brasil que desenvolvem atividades em diversos setores e muitos dos quais tem as Feiras como um dos principais meios de comercialização.

2.2. Distribuição regional

De acordo com a tabela I, participaram das Feiras mais de 700 EES de todas as regiões do país. Neste item, destacam-se a região Nordeste, com cerca de 45% desses, e a Região Sul, com a presença de 30%. As Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte apresentaram entre 7% e 10% do total de EES cada uma.

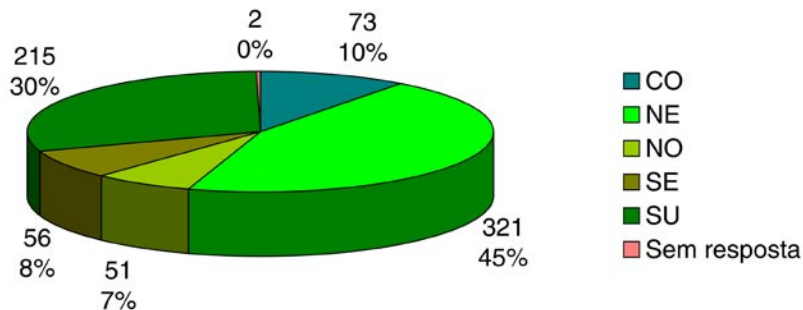
A distribuição regional dos empreendimentos participantes das Feiras seguiu um quadro bastante semelhante ao registrado no mapeamento nacional, onde o Nordeste apresentou 44% dos empreendimentos mapeados e as regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte apresentaram entre 12% e 14%. Difere deste quadro a região Sul, que no mapeamento

concentra 17% dos empreendimentos e nas Feiras conta com 30% dos participantes. Esta elevação percentual em relação ao mapeamento do número de empreendimentos da Região Sul presentes nas Feiras, tem por origem uma maior tradição da região na organização cooperativa e associativa e na realização deste tipo de evento, além das condições logísticas e de infra-estrutura que ainda marcam as diferenças regionais no Brasil.

TABELA I – Distribuição dos EES participantes das Feiras de acordo com a região

Região	Nº de EES	% EES
CO	73	10%
NE	321	45%
NO	51	7%
SE	56	8%
SU	215	30%
Sem resposta	2	0
Total	718	100%

Distribuição dos EES Participantes das Feiras de acordo com a região



3 Não é objetivo deste trabalho discutir as diferentes abordagens para se definir a abrangência e as características da Economia Solidária. Entretanto, as definições aqui apresentadas, retiradas, quase que integralmente, do Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005, representam um conjunto de características aceitas amplamente e resultado consensual de longa elaboração e reunião de diferentes atores.

4 Não seria possível transcrever aqui integralmente o Atlas da ES, sendo assim, destacamos os dados mais importantes e sugerimos que a leitura deste relatório seja feita em conjunto com a leitura do Atlas da ES, o que irá facilitar a visualização comparativa e uma noção mais completa da ES no Brasil.

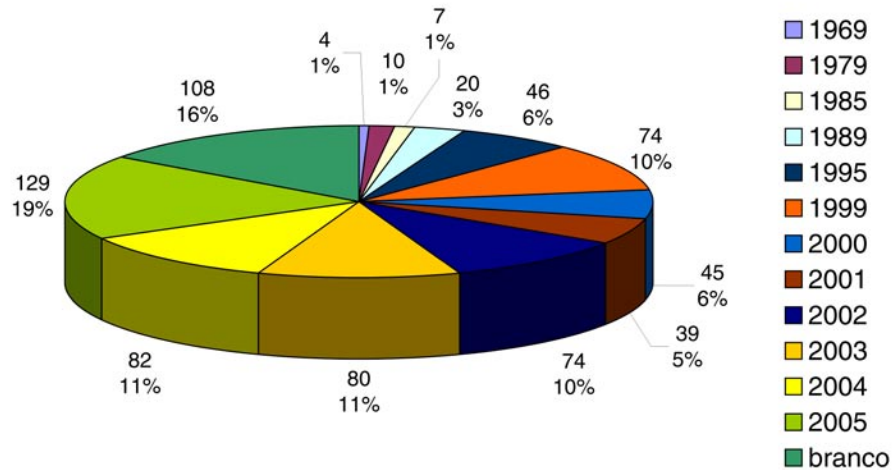
2.3. Forma de organização e idade

Conforme pode ser observado na tabela II, 62,5% dos EES foram criados a partir do ano 2000, ou seja, são, em sua maioria, empreendimentos criados recentemente que surgiram, sobretudo, com o aprofundamento da crise do emprego nos anos 90. Este é também o quadro observado no mapeamento da ES no Brasil. Em relação à idade média dos EES nas Feiras, constatou-se que este é inferior à idade média observada no mapeamento, onde a maioria dos empreendimentos foi criado na década de 90.

TABELA II - Ano do início dos EES participantes das Feiras

Ano de início do EES	Total	% de EES
1969	4	0,6%
1979	10	1,4%
1985	7	1,0%
1989	20	2,8%
1995	46	6,4%
1999	74	10,3%
Subtotal	161	22,4%
2000	45	6,3%
2001	39	5,4%
2002	74	10,3%
2003	80	11,1%
2004	82	11,4%
2005	129	18,0%
Subtotal	449	62,5%
branco	108	15,0%
Total	718	100%

Ano Início dos EES Participantes das Feiras



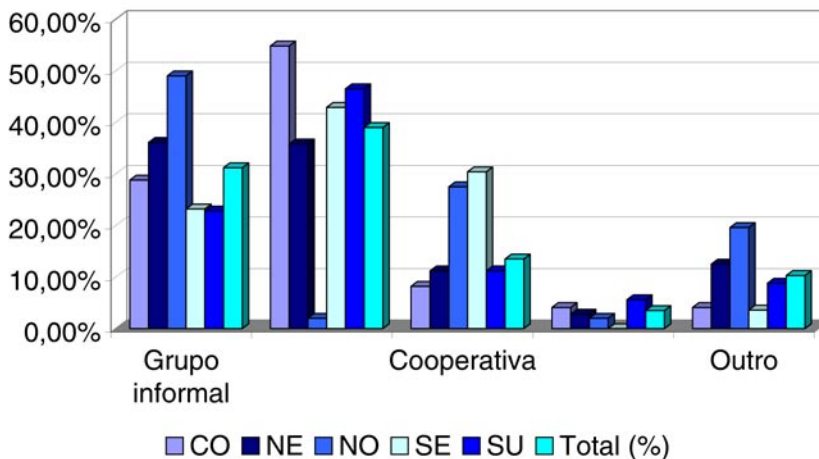
Além do período de surgimento dos EES, foi verificada também a sua forma de organização (ver Gráfico I). As associações foram predominantes representando 39% dos empreendimentos, seguidas pelos grupos informais com 31% e pelas cooperativas com 14% do total. Também, neste caso, a distribuição é aproximada ao observado no mapeamento, respectivamente 54%, 33% e 11%. Há ainda nos eventos um número baixo de pequenas e micro-empresas, ONGs, entre outros.

Fazendo o recorte regional, verifica-se que as associações estão proporcionalmente mais presentes nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste (54,8%, 46,5% e 42,9%, respectivamente). Na região Nordeste, esta participação é de 35,8%, enquanto no Norte é de apenas 2% (região onde há o predomínio de grupos informais).

TABELA III - Forma de organização dos EES participantes das Feiras segundo a região (%)

Região / Formas de Organização	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
Grupo informal	28,8%	36,1%	49,0%	23,2%	22,8%	31,2%
Associação	54,8%	35,8%	2,0%	42,9%	46,5%	39,0%
Cooperativa	8,2%	11,2%	27,5%	30,4%	11,2%	13,5%
Mpe	4,1%	2,8%	2,0%	0,0%	5,6%	3,5%
Outro	4,1%	12,5%	19,6%	3,6%	8,8%	10,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Forma de organização dos EES participantes das Feiras segundo a região



2.4. Número de trabalhadores (as)

Ao se observar o número de sócios dos empreendimentos, verifica-se que 22,3% são constituídos por até cinco sócios, 16% possui entre seis e 10 sócios e 19,8% entre 11 e 20 sócios. Os grupos menores, com até cinco sócios, são mais representativos no Nordeste (27%), seguidos pelo Sul e Sudeste, ambos com 26%.

Os EES com até 10 participantes são, em sua maioria, informais, enquanto as associações respondem pela maior parte dos empreendimentos na faixa entre 31 e 50 sócios. As cooperativas, por sua vez, estão concentradas na faixa entre 21 e 30 sócios. Percebe-se que quase 60% dos empreendimentos têm até 20 sócios, número inferior ao necessário para a formalização em cooperativa de acordo com a legislação atual. No total, esses empreendimentos reúnem 20.775 pessoas.

A elevada participação nas Feiras de empreendimentos com pequeno número de integrantes pode ser facilmente entendida uma vez que o impacto nesses grupos, em termos de retornos econômicos e políticos, pode ser proporcionalmente maior do que o de um empreendimento de grande porte e já consolidado.

2.5. Atividades econômicas

Quando são analisadas as principais atividades econômicas dos EES presentes nas Feiras confirma-se uma imagem já conhecida pela experiência e pela observação: predomina a produção de artefatos artesanais. Entre as três principais atividades mencionadas, têm-se uma elevada concentração no segmento de decoração (20%), na produção de bijuterias (14%), em atividades de alimentação (19%) e confecção (14%). As demais atividades apresentaram valores inferiores a 9% do total.

Isso indica também que, nas Feiras, diferentemente do perfil constatado no mapeamento em geral, predominou a presença de empreendimentos urbanos (área de atuação). Enquanto no Brasil predominam EES que atuam exclusivamente na área rural, com 42% dos EES desenvolvendo atividades agrícolas, agropecuárias, do extrativismo e da pesca, nas feiras a agricultura e a pecuária representaram apenas 1,9% do total. Isso se deve, além da disposição natural das Feiras para determinadas atividades tradicionais, ao fato de que estas foram realizadas principalmente nas capitais, o que dificulta o acesso e o transporte de pessoas e produtos do meio rural.

5 Esses percentuais são dados, após a extração das respostas em branco, que apresentaram um percentual relativamente elevado (22,1%). Acredita-se que grande parte dos EES não soube responder à questão adequadamente. Espera-se que estes problemas sejam sanados nas próximas pesquisas em que deve haver um entrevistador devidamente treinado para realizar a entrevista e preencher o questionário.

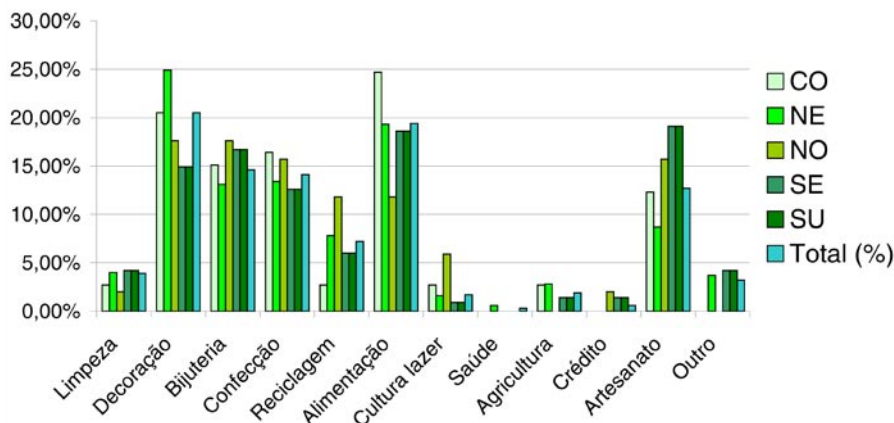


Regionalmente, as atividades que se destacaram com índices superiores ao indicador geral foram: no Centro-Oeste a alimentação (24,7%), no Nordeste as decorações (24,9%), no Norte as bijuterias (17,6%) e a reciclagem (11,8%), no Sudeste os produtos de limpeza (5,4%) e a confecção (17,9%) e, finalmente, no Sul o artesanato (19,1%).

TABELA IV - Principais atividades econômicas dos EES participantes das Feiras por Região

Região / Atividades Econômicas	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
Limpeza	2,7%	4,0%	2,0%	4,2%	4,2%	3,9%
Decoração	20,5%	24,9%	17,6%	14,9%	14,9%	20,5%
Bijuteria	15,1%	13,1%	17,6%	16,7%	16,7%	14,6%
Confecção	16,4%	13,4%	15,7%	12,6%	12,6%	14,1%
Reciclagem	2,7%	7,8%	11,8%	6,0%	6,0%	7,2%
Alimentação	24,7%	19,3%	11,8%	18,6%	18,6%	19,4%
Cultura lazer	2,7%	1,6%	5,9%	0,9%	0,9%	1,7%
Saúde	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Agricultura	2,7%	2,8%	0,0%	1,4%	1,4%	1,9%
Crédito	0,0%	0,0%	2,0%	1,4%	1,4%	0,6%
Artesanato	12,3%	8,7%	15,7%	19,1%	19,1%	12,7%
Outro	0,0%	3,7%	0,0%	4,2%	4,2%	3,2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Principais atividades econômicas dos EES Participantes das Feiras por Região

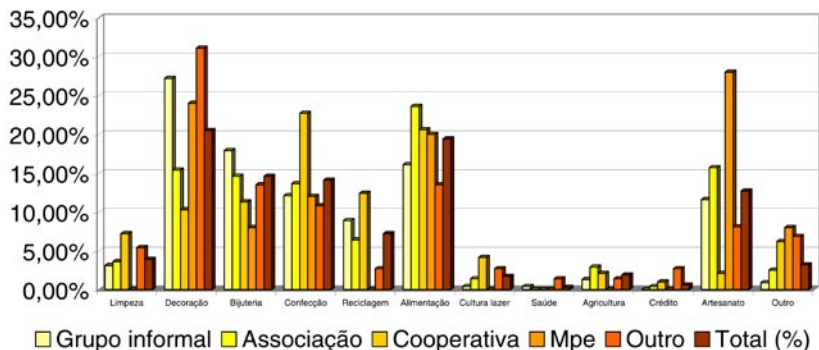


Também é possível observar outros elementos importantes quando analisadas as principais atividades econômicas segundo a forma de organização dos empreendimentos (tabela V). Assim, é possível identificar que a produção de bijuteria e a alimentação foram as atividades mais relevantes para os grupos informais. Para as associações, a alimentação e o artesanato foram as mais significativas e as cooperativas se concentraram especialmente na confecção e na alimentação.

TABELA V – Principais atividades econômicas dos EES participantes das Feiras segundo sua Forma de Organização

Forma de Org. / Atividades Econômicas	Grupo informal	Associação	Cooperativa	Mpe	Outro	Total (%)
Limpeza	3,1%	3,6%	7,2%	0,0%	5,4%	3,9%
Decoração	27,2%	15,4%	10,3%	24,0%	31,1%	20,5%
Bijuteria	17,9%	14,6%	11,3%	8,0%	13,5%	14,6%
Confecção	12,1%	13,65%	22,7%	12,0%	10,8%	14,1%
Reciclagem	8,9%	6,4%	12,4%	0,0%	2,7%	7,2%
Alimentação	16,1%	23,6%	20,6%	20,0%	13,5%	19,4%
Cultura lazer	0,4%	1,4%	4,15%	0,0%	2,7%	1,7%
Saúde	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,3%
Agricultura	1,3%	2,9%	2,1%	0,0%	1,4%	1,9%
Crédito	0,0%	0,4%	1,0%	0,0%	2,7%	0,6%
Artesanato	11,6%	15,7%	2,1%	28,0%	8,1%	12,7%
Outro	0,9%	2,5%	6,2%	8,0%	6,85%	3,2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Principais atividades econômicas dos EES participantes das Feiras segundo sua Forma de Organização



Conforme é possível perceber, a partir do perfil da Economia Solidária no mapeamento, estas atividades (produção artesanal, confecções e alimentação), embora sejam as principais em termos do número de EES, ocupam a faixa dos menores valores agregados em termos de valor da produção. Com efeito, o valor médio mensal da produção desses empreendimentos representa cerca de 30% do valor médio mensal da produção da ES no Brasil. Aparentemente, os empreendimentos das Feiras também reproduzem esta distribuição em termos de ramos de atividades. Assim, é preciso compreender quais mecanismos os empreendimentos têm buscado, em espaços de comercialização e articulação abertos como estes, para além da sua manutenção.

2.6. Participação em redes

Cerca de 39% do total de empreendimentos participantes das Feiras responderam que estão envolvidos em algum tipo de rede. O conceito de rede deve ser entendido como algo que vai além da articulação econômica, deve ser entendido como um processo de apoio mútuo entre os empreendimentos.

Um terço dos empreendimentos (36%) não indicou expressamente de qual tipo de rede participa, tendo apontado nomes de grupos, entidades, formas associativas e/ou espaços de comercialização/produção, como sinalizador de algum nível de vinculação com outros EES. Portanto, não é possível afirmar em que tipos de redes os empreendimentos estão envolvidos e qual o seu nível de complexidade.

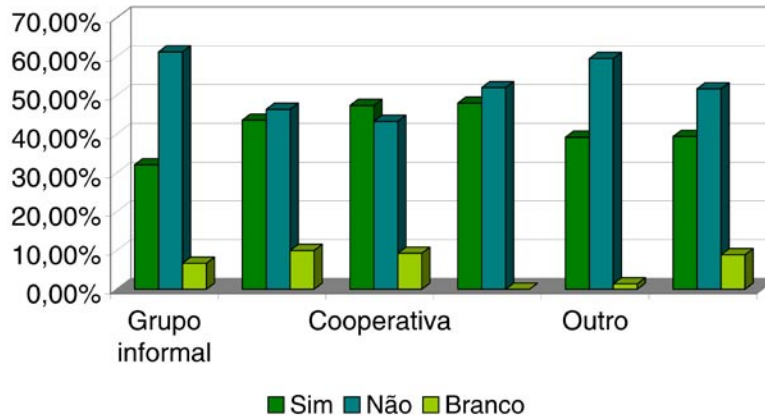
Considerando os EES que apontaram o tipo de rede da qual participam, verifica-se que 19% declararam participar de redes de produção e comercialização simultaneamente e 10% de redes de trocas. Nenhuma região apresentou uma participação em redes em número maior do que a média nacional.

É relevante apontar que entre os EES que declaram participar de redes (39,4% do total) destacam-se as cooperativas. Além disso, 47,4% afirmam estar integrados em algum tipo de rede, 43,6% em associações e 32,1% em grupos informais, conforme observado abaixo:

TABELA VI – Participação em rede conforme a Forma de organização

Forma de Org. /	Grupo informal	Associação	Cooperativa	Mpe	Outro	Total (%)
Participação em redes						
Sim	32,1%	43,6%	47,4%	48,0%	39,2%	39,4%
Não	61,2%	46,4%	43,3%	52,0%	59,5%	51,7%
Branco	6,7%	10,0%	9,3%	0,0%	1,4%	8,9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Participação em rede conforme a Forma de organização



Ainda que se considere importante a participação em redes, independentemente da forma de organização e em razão dos ganhos em custos, escala, compartilhamento de informações, máquinas, equipamentos, competências e outros, esta participação pode ser relativamente mais vantajosa para os grupos informais. Neste caso, é relevante o papel que cumpre a Feira, aproximando os grupos informais e colaborando, dessa maneira, com indutora de articulações.

2.7. Apoio aos EES

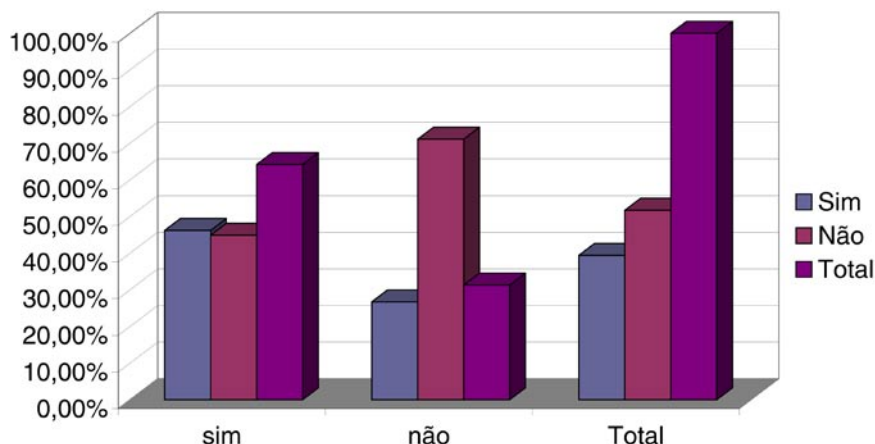
O apoio sob diversas formas (técnico, financeiro e político/organizativo) tem sido uma importante demanda dos EES. Entre os participantes das Feiras, 64,2% declarou receber algum tipo de auxílio, o que reflete a mesma proporção identificada pelo mapeamento nacional.

Um indicativo dos resultados deste vínculo é demonstrado pela relação expressa entre o apoio e a participação em redes. Entre os empreendimentos declaram receber apoio, 46,2% participam de redes. Entre os que não recebem apoio este número cai para 26,7%.

TABELA VII - Participação em rede segundo apoio recebido

Participa em rede	Recebe apoio		Total
	sim	não	
Sim	46,2%	26,7%	39,4%
Não	44,9%	71,1%	51,7%
Total	64,2%	31,3%	100%

Participação em rede segundo apoio recebido



É possível dizer que estes dados são compatíveis com as principais atividades das entidades de apoio e fomento apresentados no mapeamento nacional. Segundo o Atlas da Economia Solidária, 34,77% e 39,46% das entidades de apoio e fomento dedicam-se a articulação/mobilização e formação, respectivamente. Também, neste sentido, o intercâmbio e a aproximação entre essas entidades e os EES, ainda sem qualquer apoio, é um resultado das Feiras e que merece posterior aprofundamento.

2.8. Questões de gênero

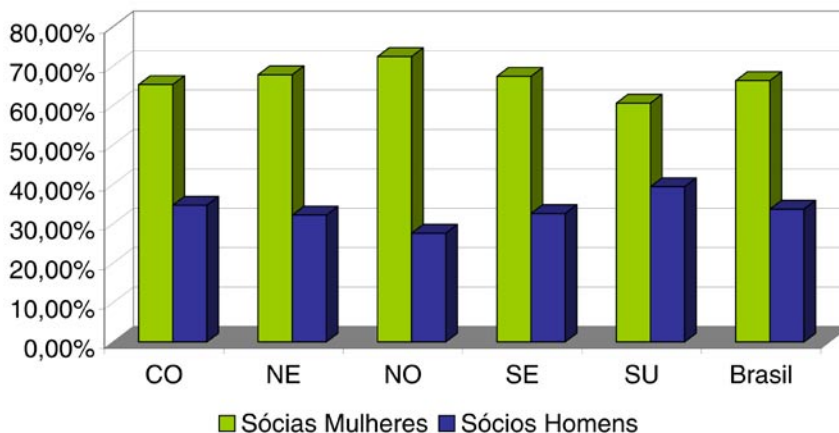
Conforme explicitado anteriormente, os EES presentes nas Feiras representaram um contingente de 20.775 sócios. Nesse sentido, o impacto das Feiras em seus múltiplos aspectos não está restrito aos participantes do evento, mas também aos demais sócios dos empreendimentos, seja pelos benefícios econômicos gerados ou pelas informações e conhecimentos compartilhados.


Um olhar sobre a composição de gênero (Tabela VIII) indica que os EES nas Feiras são compostos, em sua maioria, por mulheres (66,3%). A proporção média é de duas mulheres para cada homem, o que varia conforme o porte do empreendimento e a região. Na região Norte, a participação de mulheres é superior à média nacional, representando 72,4% das sócias. No Sul, observa-se a maior participação de homens alcançando 39,4% e superando percentualmente as demais regiões.

TABELA VIII – Participação de mulheres e homens segundo a região

Região	Sócias Mulheres	Sócios Homens	Total
CO	65,3%	34,7%	100%
NE	67,8%	32,2%	100%
NO	72,4%	27,6%	100%
SE	67,4%	32,6%	100%
SU	60,6%	39,4%	100%
Brasil	66,3%	33,7%	100%

Participação de mulheres e homens segundo a região





Este é um resultado interessante, pois reflete uma relação inversa ao observado no mapeamento nacional, onde os homens representam 64% dos sócios. Sabe-se também que no perfil nacional da ES, a participação das mulheres é maior nos EES de pequeno porte, enquanto a dos homens é superior nos de maior porte, com mais de 20 sócios.

Na amostra dos empreendimentos do PAFES, em todos os grupos a participação das mulheres é maior (Gráfico V). Entre os Empreendimentos de seis até 10 sócios, a proporção chega a quatro mulheres para cada homem, reduzindo-se a 1,5 mulheres para cada homem nos empreendimentos com mais de 100 sócios.

O que se observa, portanto, é o crescimento da proporção de homens, tanto sócios quanto não sócios, nos empreendimentos maiores e a incidência de mulheres nos menores. Contudo, nas Feiras, a proporção de homens nunca é maior.

Essa elevada proporção de mulheres confere às Feiras uma especificidade característica deste tipo de atividade. Sabendo que a Economia Solidária, além de ser uma forma de democratizar a economia do país se consolida como uma estratégia de combate à pobreza e de inclusão produtiva é ainda mais relevante a compreensão dos estudos que apontam como as ações focadas nas mulheres em condição de pobreza têm, por diversas razões, impactos mais significativos sobre a melhoria das condições de vida das famílias. Assim, os eventos apresentam esse diferencial, em grande medida cultural, formando um espaço em que os valores femininos estão muito presentes e são reconhecidos e valorizados.

3. AVALIAÇÃO DAS FEIRAS

Nesta etapa do relatório, apresentamos os resultados e a análise das principais questões obtidas na avaliação das Feiras pelos EES. Serão abordados desde aspectos como a escolha do município e do local de realização dos eventos, até a comercialização, o faturamento dos empreendimentos, a infra-estrutura e a percepção dos aspectos positivos e dos desafios a serem enfrentados nos próximos anos.

3.1. Localização do município

A localização do município de realização da Feira foi considerada, pela maior parte dos EES, como adequada. Entre o total de empreendimentos declarantes, 64,7% apontou a localização como ‘boa’ ou ‘muito boa’, 24,3% consideraram a localização ‘razoável’ e 9% ‘ruim’ ou ‘muito ruim’.

A avaliação positiva pode estar relacionada à participação mais expressiva de empreendimentos originários de municípios próximos ao local de realização dos eventos, assim como é provável que a avaliação negativa decorra das dificuldades de acesso por parte de empreendimentos provenientes do interior dos estados. Outro aspecto a influenciar na avaliação positiva pode estar relacionado à importância das Feiras como espaços de divulgação e comercialização da produção, o que vai além dos canais normalmente utilizados pelos EES.

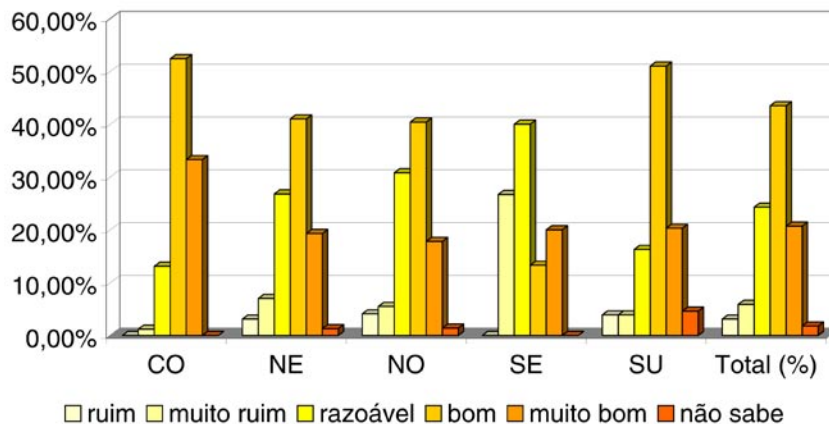
Na comparação entre as regiões, nota-se que na região Sudeste a avaliação foi pior, com 26,7% dos entrevistados

tendo declarado ‘muito ruim’ o local de realização do evento, o que está bem acima da média nacional (5,9%). No extremo oposto, a região Centro-Oeste apresenta a avaliação mais positiva, com 52,4% e 33,3% de respostas como ‘bom’ e ‘muito bom’, respectivamente.

TABELA IX - Avaliação da localização do município conforme região

Região / Avaliação da Localização	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	0,0%	3,1%	4,1%	0,0%	3,9%	3,1%
muito ruim	1,2%	7,0%	5,5%	26,7%	3,9%	5,9%
razoável	13,1%	26,8%	30,8%	40,0%	16,3%	24,3%
bom	52,4%	41,0%	40,4%	13,3%	51,0%	43,5%
muito bom	33,3%	19,3%	17,8%	20,0%	20,3%	20,7%
não sabe	0,0%	1,3%	1,4%	0,0%	4,6%	1,8%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação da localização do município conforme região



3.2. Local de realização da Feira

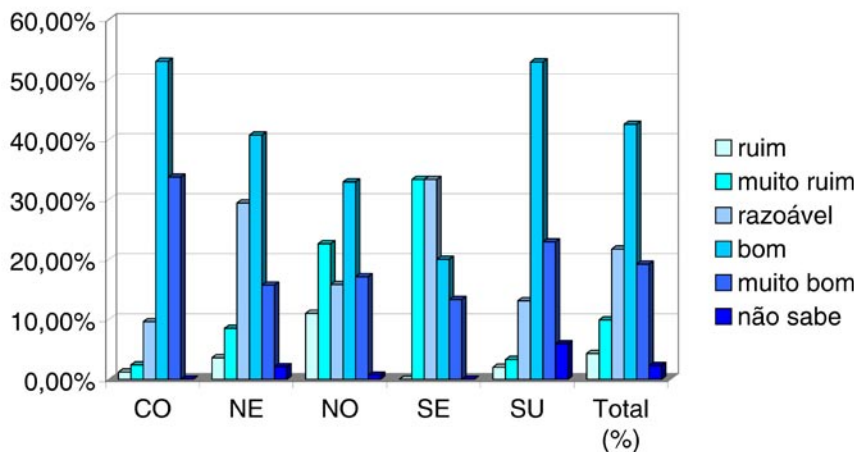
Em relação ao local de realização da Feira, 83% dos EES afirmaram ser este ‘razoável’, ‘bom’ e ‘muito bom’. Entre esses se destaca o item de avaliação ‘bom’, com 43% das respostas.

Na análise por regiões (Tabela X), observa-se que a Região Centro-Oeste possui o melhor resultado no item ‘muito bom’, com 33,7%. Nas Regiões Sudeste e Norte, está o maior percentual de respostas entre as quais consideraram o local como ruim (33,3% e 22,6%, respectivamente). De modo geral, percebeu-se que as avaliações negativas estão, sobretudo, relacionadas à exposição, ao envolvimento e à atração do público devido ao local da Feira.

TABELA X - Avaliação do local da Feira conforme região

Região / Avaliação do Local	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	1,2%	3,6%	11,0%	0,0%	2,0%	4,3%
muito ruim	2,4%	8,5%	22,6%	33,3%	3,3%	9,9%
razoável	9,6%	29,4%	15,8%	33,3%	13,1%	21,7%
bom	53,0%	40,7%	32,9%	20,0%	52,9%	42,5%
muito bom	33,7%	15,7%	17,1%	13,3%	22,9%	19,2%
não sabe	0,0%	2,1%	0,7%	0,0%	5,9%	2,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação do local da Feira conforme região



6 Pode ser interessante fazer essa verificação nos próximos anos, analisando a distribuição da origem dos EES de acordo com as regiões, para se observar se a avaliação é realmente melhor onde a proporção de empreendimentos com origem na capital é maior.

3.3. Divulgação do evento

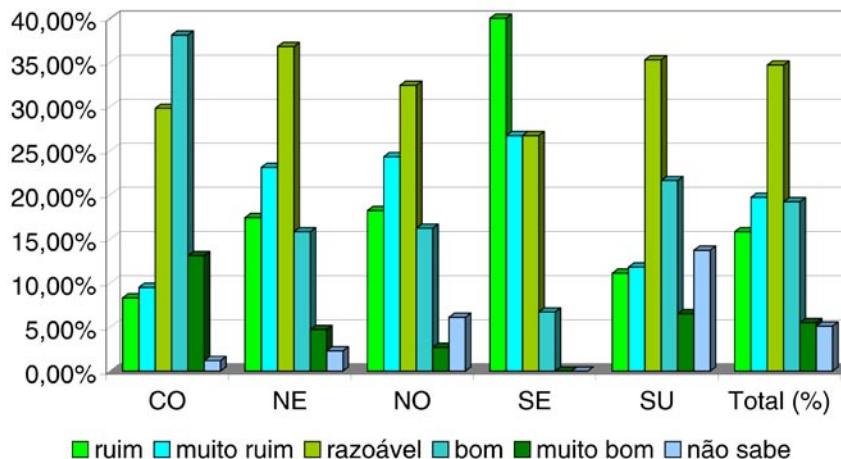
A divulgação é considerada um item fundamental para o sucesso das Feiras. É, em grande parte, por meio desta estratégia que se pode proporcionar visibilidade aos produtos e assegurar o sucesso da comercialização dos mesmos. Nesse sentido, entre as respostas oferecidas pelos EES, 53,5% consideraram a divulgação razoável ou boa, destacando-se a região Centro-Oeste e Sul, onde proporcionalmente a avaliação ‘muito boa’ é superior à média. Por outro lado, nas demais regiões a divulgação foi considerada fraca, apresentando uma proporção de respostas ‘ruim’ e ‘muito ruim’ superior a 30%.


Como se observa, a divulgação das Feiras, de modo geral, teve elevado índice de avaliação negativa, somando 35,5% de ‘muito ruim’ e ‘ruim’. Entre os itens que necessitam reavaliação nas próximas feiras a serem realizadas, a divulgação foi o mais citado pelos empreendimentos participantes.

TABELA XI - Divulgação da Feira conforme região

Região / Avaliação da Divulgação	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	8,3%	17,4%	18,2%	40,0%	11,1%	15,8%
muito ruim	9,5%	23,1%	24,3%	26,7%	11,8%	19,7%
razoável	29,8%	36,8%	32,4%	26,7%	35,3%	34,7%
bom	38,1%	15,8%	16,2%	6,7%	21,6%	19,2%
muito bom	13,1%	4,7%	2,7%	0,0%	6,5%	5,5%
não sabe	1,2%	2,3%	6,1%	0,0%	13,7%	5,1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Divulgação da Feira conforme região





A despeito da divulgação não ter sido considerada satisfatória, com apenas 24,7% dos EES tendo declarado ‘bom’ e ‘muito bom’, é importante observar que a cobertura das Feiras feita pelos meios de comunicação locais foi uma questão de destaque positivo conforme apontamentos feitos nos próprios questionários, bem como nos relatórios dos articuladores (as) estaduais.

Os eventos, apesar de não terem sido divulgados da maneira como deveriam, repercutiram bem e a cobertura local foi expressiva. Este aspecto pode ainda melhorar, contribuindo decisivamente para uma maior participação do público, para dar mais visibilidade à Economia Solidária e potencializar articulações posteriores. Contudo, é importante lembrar que a ES é um movimento novo e que apenas recentemente os meios tradicionais de comunicação começaram a dar visibilidade à iniciativa.

3.4. Período de realização das Feiras

A data de realização das Feiras foi um item que, em geral, recebeu avaliação positiva dos EES participantes, com 57,9% de respostas entre ‘bom’ e ‘muito bom’.

Alguns participantes das Feiras sugeriram que esses eventos sejam programados para períodos que coincidam com as datas de pagamento do funcionalismo público e que os locais e períodos não sejam os mesmos dos grandes eventos comercialmente expressivos. Outra sugestão é de que os eventos não sejam realizados em períodos climáticos desfavoráveis.

Os dados mostram que a Região Norte apresenta, proporcionalmente, os maiores índices de avaliação negativa. Em contraste, no Nordeste as respostas ao item ‘muito bom’ são significativas. Contudo, devido à dificuldade que muitas vezes se tem em articular a liberação de recursos dos projetos com a organização do calendário nacional de forma equilibrada com as especificidades regionais, uma atenção cuidadosa ao calendário de eventos e às características de cada região é fundamental.

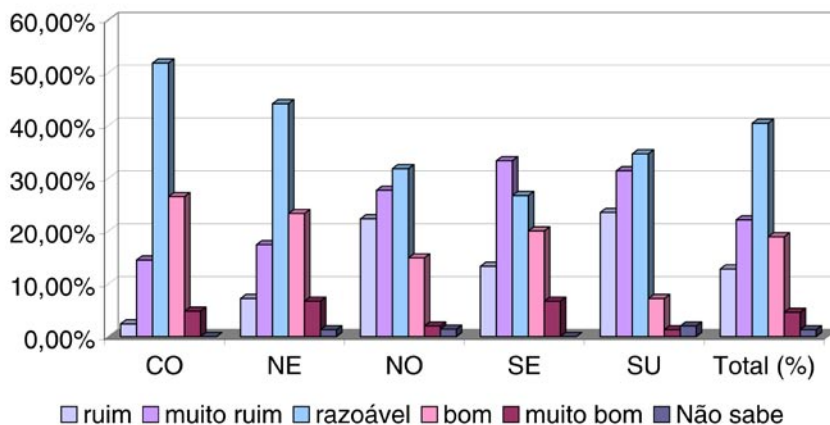
3.5. Público visitante e disposição para comprar

A frequência do público visitante obteve, em sua maioria, avaliação ‘razoável’ (40,4% dos EES). Um número significativo, entretanto, avaliou a frequência do público como ‘ruim’ e ‘muito ruim’ (34,9%), revelando uma percepção negativa sobre a sua presença numérica, em especial nas regiões Sul e Sudeste. As regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste concentraram as respostas mais positivas, apresentando ‘razoável’ e ‘bom’ acima da média nacional.

TABELA XII - Avaliação da frequência do público conforme a região

Região / Avaliação da Frequência	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	2,4%	7,2%	22,3%	13,3%	23,5%	12,8%
muito ruim	14,5%	17,4%	27,7%	33,3%	31,4%	22,1%
razoável	51,8%	44,1%	31,8%	26,7%	34,6%	40,4%
bom	26,5%	23,3%	14,9%	20,0%	7,2%	18,9%
muito bom	4,8%	6,7%	2,0%	6,7%	1,3%	4,6%
Não sabe	0,0%	1,3%	1,4%	0,0%	2,0%	1,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação da frequência do público conforme a região

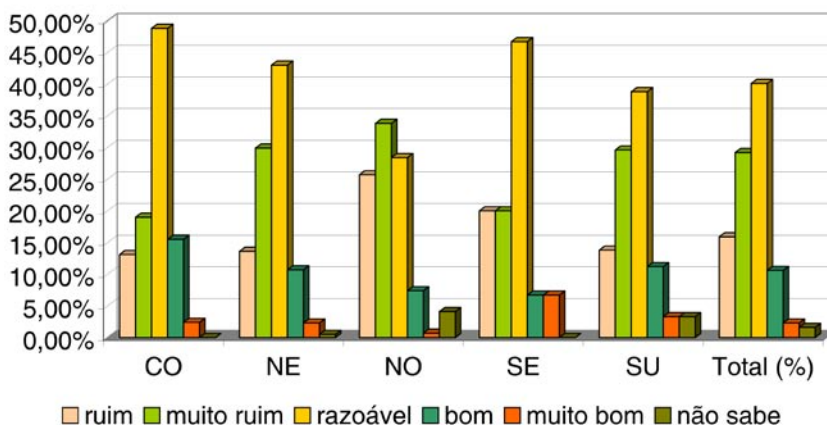


A avaliação sobre a presença não satisfatória do público foi acompanhada também de uma avaliação pouco satisfatória a respeito de sua disposição para comprar. Assim, 45,1% dos EES (Tabela XIII) qualificaram este item como ‘muito ruim’ ou ‘ruim’ e 40,1% como ‘razoável’.

TABELA XIII - Avaliação da disposição do público para comprar conforme a região

Região / Avaliação da Disposição	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	13,1%	13,6%	25,7%	20,0%	13,8%	15,9%
muito ruim	19,0%	29,9%	33,8%	20,0%	29,6%	29,2%
razoável	48,8%	43,0%	28,4%	46,7%	38,8%	40,1%
bom	15,5%	10,7%	7,4%	6,7%	11,2%	10,6%
muito bom	2,4%	2,3%	0,7%	6,7%	3,3%	2,3%
não sabe	0,0%	0,5%	4,1%	0,0%	3,3%	1,6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação da disposição do público para comprar conforme a região



3.6. Faturamento dos empreendimentos nas Feiras

A exemplo do item anterior, o faturamento também foi avaliado como insatisfatório. Para 52% dos que responderam ao questionário a indicação é de 'ruim' ou 'muito ruim', sendo considerado razoável por 33%. É importante ressaltar que não foi possível captar com precisão os dados das vendas nos eventos.

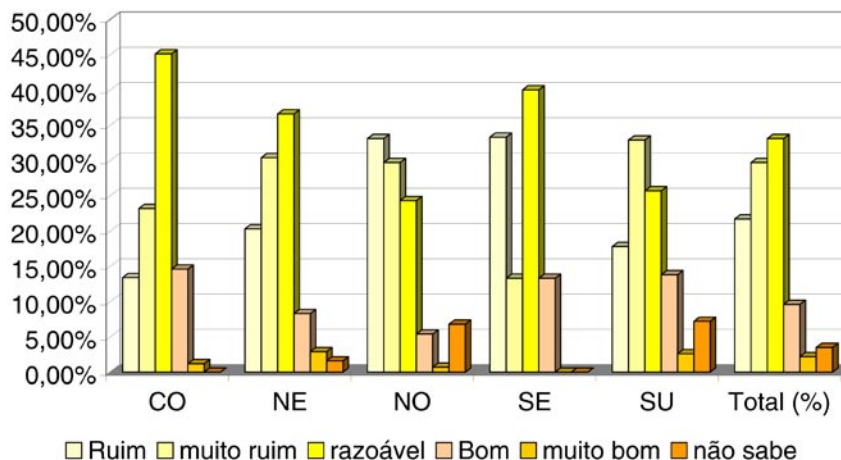
A análise qualitativa deste quadro oferece indícios que permitem afirmar a existência de uma expectativa positiva em termos de faturamento, o que não se confirmou nas Feiras. Se a esperança em uma comercialização elevada não tem o retorno desejado, a avaliação do faturamento ficará prejudicada. Possivelmente essa expectativa foi influenciada, além da avaliação otimista a respeito da disposição de compra dos visitantes, por fatores como a crença na capacidade do poder aquisitivo da população das capitais ou das cidades pólo em que os eventos aconteceram e o desejo de conscientização do público sobre a importância do consumo solidário.

Apesar de a questão precisar ser melhor avaliada e estudada, as informações aqui apresentadas indicam que pode se estar dando um peso muito grande à comercialização em detrimento de outras atividades da Feira. Na tabela abaixo podemos observar a avaliação dos EES sobre o faturamento de acordo com a região.

TABELA XIV - Avaliação do faturamento conforme a região

Região / Avaliação do Faturamento	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
Ruim	13,4%	20,3%	33,1%	33,3%	17,8%	21,7%
muito ruim	23,2%	30,4%	29,7%	13,3%	32,9%	29,7%
razoável	45,1%	36,6%	24,3%	40,0%	25,7%	33,1%
Bom	14,6%	8,3%	5,4%	13,3%	13,8%	9,6%
muito bom	1,2%	2,9%	0,7%	0,0%	2,6%	2,2%
não sabe	0,0%	1,6%	6,8%	0,0%	7,2%	3,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação do faturamento conforme a região



Em relação ao faturamento total dos empreendimentos nas Feiras, as regiões Nordeste e Norte apresentam uma distribuição percentual de respostas próxima do perfil nacional. As Regiões Sudeste e Sul apresentaram, proporcionalmente, maior avaliação 'ruim' ou 'muito ruim' e a Região Centro-Oeste maior representação de faturamento 'bom' ou 'muito bom'. Em termos nominais, estes indicadores se traduziram em faixas de faturamento de até R\$ 300,00 para 93,7% dos EES.

3.7. Rodada de negócios e oportunidades

É possível afirmar que a maioria das Feiras não realizou rodadas de negócios. Conforme apontam os dados da pesquisa, 74,5% dos EES não participaram dessa atividade, enquanto apenas 25,5 participaram. E entre os que participaram, cerca de 30% apenas realizou negócios (pouco mais de 50 empreendimentos entre os mais de 700 participantes).

A experiência do Programa mostrou que as rodadas de negócio não fizeram parte das programações vivenciadas pelos grupos, apesar dos resultados positivos esperados e que poderiam dar origem à comercialização e à articulação em rede dos EES. Esta falta pode estar relacionada, entre outros fatores, ao próprio desconhecimento dos organizadores a respeito da estruturação das rodadas, sendo necessário verificar as causas desse desinteresse, assim como as possibilidades de investimentos na capacitação específica para esta ação em feiras futuras.

Ainda que estes dados apontem para um cenário de baixo retorno financeiro imediato, é importante destacar que 64,5% dos empreendimentos declararam que as oportunidades criadas para negócios e parcerias futuras são 'razoáveis', 'boas' ou 'muito boas'.

Quanto à abertura de novas possibilidades e canais de comercialização, é evidente a importância das Feiras. A troca de informações e contatos, o estabelecimento de parcerias e a abertura de novos mercados foram destacados

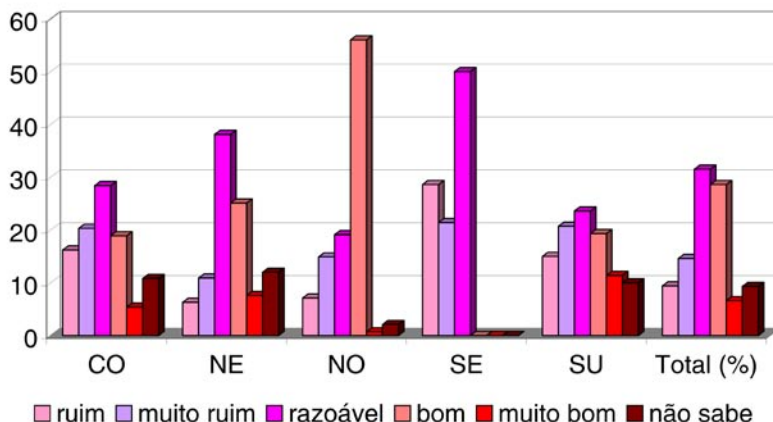
como avaliação positiva revelada pela maioria que declarou confiar em negócios futuros a partir das relações estabelecidas nas Feiras estaduais de ES.

Na região Norte, se destaca proporcionalmente as respostas que consideram ‘boas’ as possibilidades de novos negócios e no Sudeste, ao contrário, as possibilidades de negócios são percebidas como mais limitadas pelos empreendedores.

TABELA XV - Avaliação das possibilidades de negócio conforme região

Região / Avaliação dos Negócios	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
ruim	16,2%	6,3%	7,1%	28,6%	15,0%	9,4%
muito ruim	20,3%	10,9%	14,9%	21,4%	20,7%	14,6%
razoável	28,4%	38,1%	19,1%	50%	23,6%	31,5%
bom	18,9%	25,1%	56,0%	0%	19,3%	28,6%
muito bom	5,4%	7,6%	0,7%	0%	11,4%	6,6%
não sabe	10,8%	12,0%	2,1%	0%	10,0%	9,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Avaliação das possibilidades de negócio conforme região



3.8. Aspectos diferenciais das Feiras de Economia Solidária

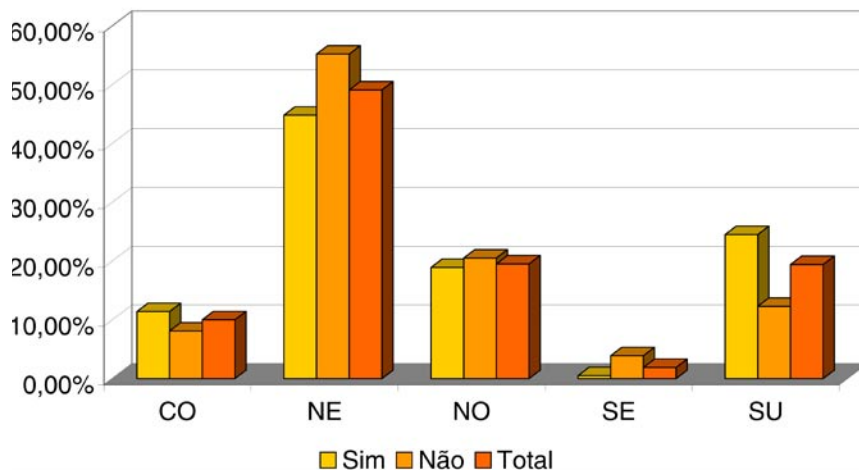
As Feiras de Economia Solidária se constituem em espaços não apenas para a comercialização direta, mas de um maneira fundamental como instrumento de fortalecimento de uma importante estratégia de intercâmbio entre quem produz de forma solidária e quem decide conscientemente adquirir produtos e serviços dessa outra economia. Assim, contribuem também para o fortalecimento dos fóruns e redes e para uma expressiva visibilidade dessa economia que é centrada na valorização do trabalho humano e coletivo.

Confirmando esta idéia, sempre presente na realização das Feiras, quase 60% dos EES afirmou que há um importante elemento diferencial nas Feiras de ES em relação a outras feiras convencionais.

TABELA XVI - Diferencial das Feiras conforme a região

Região	Sim	Não	Total
CO	11,4%	8,1%	10,0%
NE	44,8%	55,2%	49,1%
NO	18,9%	20,5%	19,5%
SE	0,5%	3,9%	1,9%
SU	24,5%	12,3%	19,4%
Total	100%	100%	100%

Diferencial das Feiras conforme a região



Além de serem ponto de encontro e troca entre os participantes, esses eventos geram também oportunidades de formação conceitual sobre ES, por meio de uma série de atividades realizadas, tais como oficinas, seminários, palestras e mini-cursos. Isso é reforçado na avaliação do PAFES, ao se verificar que 72,6% dos entrevistados declararam que esses espaços contribuem para a formação social e política dos sócios dos empreendimentos.

A relevância das atividades formativas nos espaços das Feiras também ficou evidente quando 88,1% dos entrevistados afirmaram que essas ações contribuíram para uma melhor compreensão da ES e suas articulações. Nas Feiras realizadas no ano de 2005, as oficinas, os seminários e plenárias foram considerados como momentos significativos da programação. Entre os EES envolvidos, 94,5% afirmou que participou dessas atividades e que os conteúdos contribuíram para sua formação e para uma melhor compreensão da ES.

3.9. Aspectos positivos

O PAFES procurou também reunir e avaliar os aspectos positivos mais citados pelos EES nas Feiras estaduais. Os dados coletados apontam que a possibilidade de intercâmbios, a troca e a aquisição de conhecimentos foi o aspecto mais representativo, tendo sido declarado por 23,2% dos empreendimentos. O segundo grupo de aspectos positivos se expressa na afirmação da vivência de valores, na integração, harmonia e solidariedade experimentada entre os EES (19,3%). O terceiro é o fato de as Feiras serem reconhecidas como espaço de ampliação das possibilidades de comercialização e divulgação de produtos, bem como de conhecimento de novos produtos e parcerias. Esse aspecto foi apontado por 17,6% dos entrevistados. É válido considerar que fatores como localização das Feiras, organização, infra-estrutura e a realização de atividades artísticas e culturais também foram avaliados como pontos positivos. O gráfico XII abaixo apresenta essas informações.

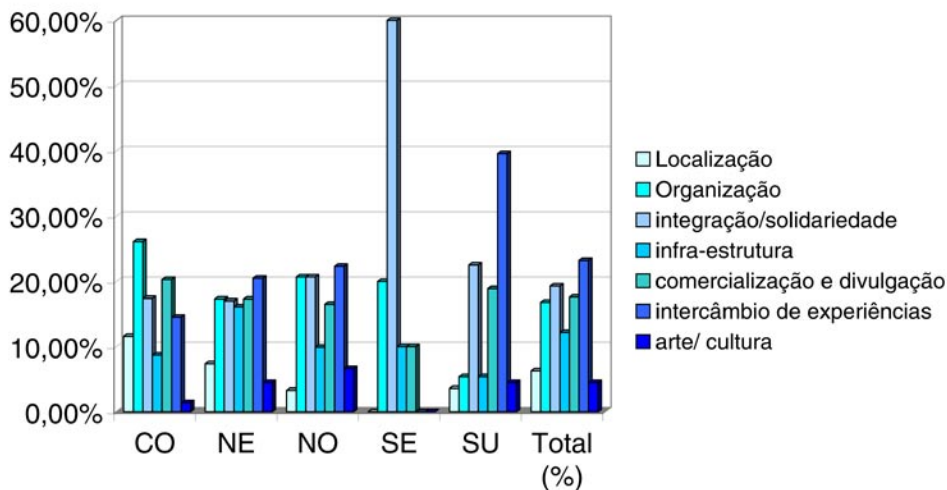


Na tabela abaixo, podemos observar a avaliação dos aspectos positivos das Feiras, de acordo com a sua localização regional.

TABELA XVII – Aspectos positivos da Feira conforme a região

Região / Aspectos positivos	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
Localização	11,6%	7,4%	3,3%	0,0%	3,6%	6,3%
Organização	26,1%	17,3%	20,7%	20,0%	5,4%	16,8%
integração/solidariedade	17,4%	17,0%	20,7%	60,0%	22,5%	19,3%
infra-estrutura	8,7%	16,1%	9,9%	10,0%	5,4%	12,2%
comercialização e divulgação	20,3%	17,3%	16,5%	10,0%	18,9%	17,6%
intercâmbio de experiências	14,5%	20,5%	22,3%	0,0%	39,6%	23,2%
arte/ cultura	1,4%	4,5%	6,65	0,0%	4,5%	4,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Aspectos positivos da Feira conforme a região



Outro aspecto positivo relevante diz respeito ao impacto dos eventos sobre a visibilidade do movimento, bem como sobre o fortalecimento das instâncias locais de articulação dos empreendimentos e organizações ligadas à Economia Solidária. O processo de organização das Feiras foi elemento altamente mobilizador, tendo provocado, em vários estados, a efetiva articulação dos fóruns estaduais de ES. Ademais, a partir da visibilidade conquistada foi promovida a aproximação entre instituições públicas, prefeituras, governos estaduais e entidades da sociedade civil, aumentando a rede de eventuais parceiros e apoiadores.

A implantação, em alguns estados de feiras permanentes, a partir da Feira estadual, foi destacada como resultado do aprendizado e dos benefícios gerados localmente para os EES, projetando e multiplicando um resultado mais imediato e de longo prazo a partir de eventos estaduais de duração restrita.

Sendo assim, a articulação em redes é um elemento importante entre os pontos positivos, segundo a avaliação dos próprios empreendimentos, ou seja, os contatos com outros produtores, o conhecimento da diversidade de produtos e o estabelecimento de novas parcerias é fator relevante.

3.10. Desafios

Entre os desafios a serem enfrentados, ficou evidente que a divulgação, apontada por 44,3% dos EES, é um dos principais e mais imediato. Em seguida, questões relacionadas à infra-estrutura (20,7%), representadas por demandas variadas como a falta de água, alimentação, depósitos para os produtos, banheiros e outros. A organização também é apontada por 12,2% dos empreendimentos, neste caso com elementos que dizem respeito à programação, à distribuição de tarefas e responsabilidades, além do esforço de adesão de outras entidades no processo organizativo.

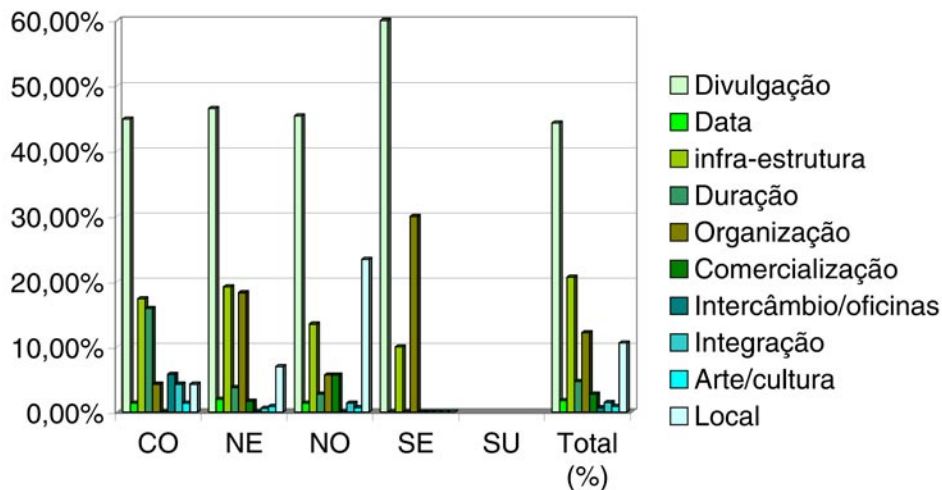


Na tabela a baixo estão identificados os aspectos a serem melhorados, de acordo com a distribuição regional.

TABELA XVIII – Aspectos a serem melhorados por Região.

Região / Aspectos a melhorar	CO	NE	NO	SE	SU	Total (%)
Divulgação	44,9%	46,5%	45,4%	60,0%	---	44,3%
Data	1,4%	2,0%	1,4%	0%	---	1,8%
infra-estrutura	17,4%	19,2%	13,5%	10,0%	---	20,7%
Duração	15,9%	3,8%	2,8%	0%	---	4,7%
Organização	4,3%	18,3%	5,7%	30,0%	---	12,2%
Comercialização	0,0%	1,7%	5,7%	0%	---	2,8%
Intercâmbio/oficinas	5,8%	0,0%	0,0%	0%	---	0,7%
Integração	4,3%	0,6%	1,4%	0%	---	1,5%
Arte/cultura	1,4%	0,9%	0,7%	0%	---	0,9%
Local	4,3%	7,0%	23,4%	0%	---	10,6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Aspectos a serem melhorados por Região



Outro aspecto de extrema importância nos trabalhos da ES diz respeito à relação com o meio ambiente a ao desenvolvimento de atividades sustentáveis. No caso das Feiras, a organização deveria ter, no sentido de pensar o impacto ambiental e do lixo gerado, possibilitado a realização de um plano de manejo ambiental para as mesmas.

Neste sentido, os dados coletados pelo PAFES indicam que essa questão ainda está em aberto, permanecendo como um importante aspecto a ser solucionado. Apesar das diferentes tentativas estaduais de articular ações de conscientização ambiental, a maioria das feiras realizadas em 2005 mostra que não foram implantados planos de manejo para os resíduos produzidos durante os eventos. Vale ressaltar, no entanto, que algumas tentativas como a mobilização de associações e grupos ligados à reciclagem e aproveitamento dos resíduos sólidos, bem como o contato com o Poder Público foi realizada sem, contudo, terem refletido em ações capazes de responder efetivamente ao problema.

4. Considerações finais

Este relatório representou o primeiro esforço, em âmbito nacional, de reunir um conjunto de informações que possibilitassem a avaliação das feiras de Economia Solidária realizadas no Brasil. Com efeito, um conjunto de lições importantes foi assimilado neste estudo.

Primeiramente, no que diz respeito às características dos Empreendimentos de Economia Solidária, foi possível constatar que as Feiras se constituíram em um espaço para grupos informais de pequeno porte e associações urbanas de porte médio que, em sua maioria, desenvolvem atividades econômicas de produção artesanal, alimentação e confecção. Estes EES têm origem recente, são compostos majoritariamente por mulheres e apresentam certa fragilidade econômica, de modo que as possibilidades de contatos e de comercialização abertas têm grande relevância. De modo geral, com exceção da forte expressão urbana e do predomínio de mulheres na relação de gênero, este perfil corresponde com bastante proximidade ao perfil médio da Economia Solidária no Brasil, como apontado no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES).

De forma complementar, os resultados da avaliação dos trabalhadores indicam que, no conjunto das ações desenvolvidas, as Feiras atingiram de forma bastante satisfatória seus objetivos. Se por um lado, aspectos econômicos como a comercialização e a presença do público não atingiram os níveis esperados, por outro, as possibilidades de expansão, formação de parcerias e novos negócios para os EES, na sua própria avaliação, foi positiva. Assim, é possível afirmar que o sentido não comercial das Feiras teve grande destaque, possibilitando seu reconhecimento efetivo como espaço de integração, troca de experiências e conhecimento, além de formação e aprendizado, tanto técnico quanto político e social.

Para concluir, é importante notar que há impactos de difícil mensuração nas Feiras que, possivelmente, se espalham pelas regiões de origem dos empreendimentos. Entre estes, está a evidente expansão da concepção das Feiras no interior dos estados, o impulso dado para a realização de novas feiras regionais ou locais durante o resto do ano, além de diferentes estratégias de comercialização permanente (como lojas e pontos de venda) que surgem a partir das articulações nos eventos estaduais. É necessário aprofundar as análises que buscam verificar tais fatores. Estes são fenômenos importantes que, com a melhoria contínua deste instrumento, podem oferecer um retorno importante para o desenvolvimento de uma estratégia nacional de fortalecimento da

ES a partir de seus espaços mais tradicionais.

7Na realização do PAFES 2006, procurar-se-á desenvolver um mecanismo para a verificação da presença efetiva dos empreendimentos das Feiras no SIES e para sua articulação direta com o mapeamento. Assim, além de tornar possível o cruzamento das duas bases de dados, será possível identificar e incluir EES que ainda não estão cadastrados no Sistema. 8 Com esse objetivo, está previsto também no PAFES 2006 a realização de uma pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas diretamente com EES que vêm sistematicamente participando de Feiras e desenvolvendo ações semelhantes.



EQUIPE DE INTERLOCUTOR@S – 2005

ACRE - Samirame Carvalho da Silva
ALAGOAS - Amélia Virginia Lucena Lima
BAHIA - Franklin Plesmann
CEARÁ - Marcos Eudênio de Souza
DISTRITO FEDERAL E ENTORNO - Paulo Henrique Morais
ESPÍRITO SANTO - Denise Barbieri Biscotto
GOIÁS - Maria Odília R. da Silva
PARÁ - Maria do Socorro Ribeiro Martins
PARANÁ - Lourdes Marchi
PERNAMBUCO - Rosana O. Pontes de Souza
PIAUI - Tânia Mendes
RIO DE JANEIRO - Luiz Antunes da Penha
RIO GRANDE DO NORTE - Rizoneide Souza Amorim
RIO GRANDE DO SUL - José Inácio Konzen
RONDÔNIA - Iláene T. Ferreira
SANTA CATARINA - Patrícia P. Freitas
SERGIPE - Jefferson Lucas Marques
TOCANTINS - Martone Vieira

EQUIPE INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE – IMS – 2005

José Manuel Pires Alves – Diretor Presidente da União Brasileira de Educação e Ensino – UBEE
Vicente Falqueto – Diretor Executivo
Dilma Rodrigues Alves – Gerente de Assistência Social
Afonso Tadeu Murad – Diretor do IMS
Milda Lourdes Pala Moraes – Analista Social
Shirlei Aparecida Almeida Silva – Analista Social
Wilson Roberto Fernandes – Analista Social
Helena da Silva Melo – Analista Social
Antônio Baptista Ribeiro – Assistente Administrativo
Jackson Willians S. Santos – Técnico Administrativo Financeiro

EQUIPE SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA – SENAES/MTE – 2005

Luiz Marinho – Ministro do Trabalho e Emprego – MTE
Paul Singer – Secretário Nacional de Economia Solidária – SENAES
Fábio José Bechara Sanchez – Secretário Adjunto
Dione Manetti – Diretor de Fomento à Economia Solidária
Valmor Schiochet – Diretor do Departamento de Estudos e Divulgação
Antônio Haroldo Pinheiro Mendonça – Coordenador Geral do Comércio Justo e Crédito
Roberto Marinho Alves da Silva – Coordenador Geral de Estudos
Cláudio Araújo Nascimento – Coordenador Geral de Promoção e Divulgação
Jorge Luiz da Silva Nascimento – Coordenador Geral de Fomento

EQUIPE FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA – FBES – 2005

Daniel Tygel – Secretaria Executiva
Rosana Kirsch – Secretaria Executiva
Sabrina Fadel – Secretaria Executiva
Joana Palheta – Coordenação Nacional – GT de Produção, Comercialização e Consumo
Idalina Maria Boni – Coordenação Nacional
Sebastiana Almire de Jesus – Coordenação Nacional

EQUIPE FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL – FBB – 2005

Sílvio Perfeito – Gerente de Recursos de Terceiros
Jorge Streit – Diretor da Área Trabalho e Renda
Jamil Sales – Assessor Pleno
Carmem dos Santos Araújo – Assessora Plena









Equipe responsável pela elaboração do relatório

Redação: Marcos Godinho e Jonas Bertucci

Revisão: Camila Melo Oliveira Silva

Ilustração e Diagramação: Marcos de Carvalho Santos Júnior



**ORGANIZANDO O TRABALHO
PARA DESENVOLVER O BRASIL**

Secretaria Nacional de
Economia Solidária (SNAES)

Ministério do
Trabalho e Emprego

